

Conversando com Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho^[1]

Esta entrevista, concedida pelo dr. Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho a Thaís Helena Thomé Marques em nome da Diretoria Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (DC/SBPRP), ocorreu como preparativo para o Encontro Internacional On-line “Psicanálise e Experiência Estética” no dia 26 de junho, também realizado pela DC/SBPRP. As perguntas foram enviadas por escrito e respondidas por áudio. A transcrição contou com a colaboração dos seguintes colegas: Ana Lúcia dos Santos, Fernanda Sivaldi Roberti Passalacqua, Gustavo Machado Gonçalves da Silva, Marystella Carvalho Esbrogeo, Sarah Barreto Prado e Thaís Helena Thomé Marques.

1. Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho é médico, além de membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

DC: O título da sua apresentação no Encontro Internacional On-line “Psicanálise e Experiência Estética”, da SBPRP, “O silêncio do fruto é a semente da comunhão, da comoção e da indignação”,^[2] é inusitado. Como você chegou a ele?

Dr. Junqueira Filho: Eu cheguei ao título da minha apresentação porque, há um bom tempo, eu descobri um evento que ocorreu nos Estados Unidos no início do século XX. Houve um linchamento em uma pequena cidade, dois negros jovens foram acusados de ter atacado uns brancos, foram mortos, e seus corpos, pendurados em uma árvore. Isso gerou uma fotografia que ficou, infelizmente, famosa, e nela havia uma pequena multidão daquela cidadezinha que estava passeando ali. Estava como se fosse num passeio, como se fosse um passeio dominical, vendo aquilo como uma atração. Todo mundo descontraído, rindo, uma coisa absolutamente chocante. Um professor de Nova York chamado Abel Meeropol ficou chocado ao ver esta fotografia e resolveu escrever um poema que ele denominou de “Strange fruit” (fruto estranho), que eram aqueles dois corpos pendurados na árvore. Um tempo depois, ele resolveu musicar aquilo e achou que a pessoa certa para cantar a música seria Billie Holiday, e foi o que aconteceu. Ela gravou essa canção, entre outras músicas muito conhecidas, mas essa realmente se tornou famosa, e isso causou uma série de problemas para ela, porque muitas plateias não queriam que ela pudesse cantá-la. Inclusive, recentemente saiu o filme *Estados Unidos vs. Billie Holiday*, só que lá eles alteraram a história como se o FBI^[3] estivesse atrás dela e a tivesse prendido só para ela deixar de cantar a música, quando, na realidade, é porque ela usava muita droga, e drogas pesadas.

Bom, eu tive um caso clínico, e nesse caso apareceu uma fruta estranha; então isso casou-se com algo de um conflito estético, que era uma metáfora de uma árvore desenraizada, porque esse paciente meu era uma pessoa que sempre desprezava os seus próprios recursos intelectuais e de sensibilidade, sempre achando que esses recursos estavam fora de si, nos professores e em pessoas capacitadas etc. Daí veio essa ideia do título, no sentido de que o fruto estranho seria a semente de diferentes resultados, e eu optei por esse arco começando pela comunhão, passando pela comoção e chegando finalmente à indignação.

DC: Como você resumiria o *conflito estético*?

Dr. Junqueira Filho: Eu resumiria o conflito estético como tensão entre contrários, e isso, em última análise, é a raiz da criatividade. A criatividade depende dessa tensão, e todos os artistas e todos os criadores de um modo geral, inclusive na ciência, intuitiva ou voluntariamente buscam esse conflito. Um exemplo famoso disso é

2. O texto da apresentação do dr. Junqueira Filho pode ser lido nesta edição, nas páginas 23-30. Na edição on-line da *Berggasse 19*, está disponível também em inglês.

3. Federal Bureau of Investigation.

o poema do William Blake, “O casamento do céu e do inferno”: ali a gente tem essa situação muito bem colocada.

DC: Que importância Bion atribuiu, em sua obra, ao elemento estético?

Dr. Junqueira Filho: Bion atribuiu uma grande importância à estética e ao conflito estético. Na verdade, o conceito de conflito estético foi desenvolvido por Meltzer, a princípio, e depois também com a ajuda da Meg Harris Williams. Mas o Bion já tinha uma intuição a esse respeito e, no seu livro *Transformations (Transformações, no Brasil)*, há um momento em que ele cita um caso clínico de um paciente psicótico sobre o qual ele tinha tentado uma série de interpretações sem resultado. Finalmente ele percebeu que algum resultado seria possível muito mais pelo aspecto estético da intervenção dele do que propriamente pelo aspecto, digamos, epistemológico. Além do mais, Bion desenvolveu também o conceito de *mudança catastrófica*, e alguns autores acham que este é o conceito mais estético de Bion. Em algum momento da sua trilogia *Uma memória do futuro*, um personagem indaga se a mudança catastrófica seria um “*break-up*”, um “*break-down*”, um “*break-through*”, um “*break-out*” ou um “*break-in*”. Ou seja, diferentes nuances de rupturas, mas rupturas que podem ser positivas ou negativas. E uma outra correlação que eu aprendi exatamente com a Meg é que a gente deveria associar a mudança catastrófica, nesse sentido do Bion, com a *anagnorisis*, da tragédia grega. *Anagnorisis* era aquela mudança inesperada na narrativa que alterava completamente a compreensão que a gente poderia ter dela ao longo do seu desenvolvimento. Com isso, eu acho que a gente tem uma noção da importância do conceito para o Bion.

DC: Poderíamos dizer que a operacionalização do elemento estético é um caso particular do velho problema da relação entre forma e conteúdo?

Dr. Junqueira Filho: Sobre essa questão, poderíamos começar pensando na poesia. A poesia, por excelência, é produto dessa articulação entre forma e conteúdo. Ali a gente sempre tem a possibilidade de detectar isto. Além do mais, o próprio sonho não é uma articulação entre forma e conteúdo? No sonho, seus aspectos inusitados, os aspectos atemporais, toda sua estranheza também nos permitem observar essa correlação. E não podemos nos esquecer de que, segundo Bion, o principal elemento da psicanálise é a configuração continente–conteúdo. E a configuração continente–conteúdo não deixa de ter sido extraída, no meu ponto de vista, dessa questão entre forma e conteúdo, de maneira que na operacionalização o analista tem que ter uma visão binocular, no sentido de que um olho tem que estar sempre vigilante em relação à forma, e o outro em relação ao conteúdo, para que finalmente seja possível fazer um casamento das duas visões. Isso, claro, vai nos permitir ter uma noção muito mais profunda e global do objeto em estudo.

DC: Podemos considerar que o ofício do psicanalista demanda uma “postura estética” desinteressada, nem ativa nem passiva, por não estarmos em busca de dominar o campo de trabalho, e sim de observar os efeitos que ele pode produzir em nós?

Dr. Junqueira Filho: Realmente, nós poderíamos dizer que o ofício do psicanalista demanda uma postura estética desinteressada. Eu sempre me reporto ao fantástico livro do Johan Huizinga, *Homo ludens*, no qual ele faz uma dissecção do brincar na história da humanidade, incluindo até as guerras e todos os tipos de disputa. Uma das coisas que sempre me chamou atenção quando eu li esse livro – e eu o li algumas vezes – foi ele definir o brincar como algo desinteressado, quer dizer, não há uma finalidade específica no brincar, o brincar se completa em si próprio; e, nesse sentido, a postura estética do analista é fundamental. Eu também sempre me reporto a uma frase do Paulo Leminski, poeta paranaense que infelizmente morreu precocemente, que dizia: “distráidos venceremos”, e é mais ou menos essa postura que o analista deveria ter. Também o Oscar Wilde, num determinado momento, ofereceu uma definição de arte, digamos assim, bem original, dizendo que só é belo aquilo que não nos interessa diretamente, quer dizer, aquilo que a gente não pretende transformar num benefício próprio, o que eu achei uma coisa extremamente interessante. Também aqui eu acho muito importantes as ideias recentes do Ogden, nas quais ele faz uma diferenciação relativamente simples, mas que eu achei brilhante, entre o que ele chama de psicanálise epistemológica – que é a psicanálise principalmente ancorada na interpretação, num insight específico e, portanto, no conhecimento – e o que ele chamou de psicanálise ontológica – que é, digamos, focada no vir-a-ser, no *become* a que o Bion sempre se referiu. E o que nos interessa é que o analista possa, como sugeriu o Keats, ter uma postura de capacidade negativa, de ficar em contato com meias verdades, com dúvidas. Também há a famosa citação do Maurice Blanchot que o Bion sempre faz, de que a resposta é a desgraça da pergunta.

Então, na realidade o analista deveria se abandonar um pouco como o poeta, se é que a gente pode usar essa expressão, abandonar-se às musas da intuição. E eu também me lembrei de algo que eu vi recentemente, uma carta recebida em 1961 pela escritora americana Flannery O’Connor, mandada por um professor de inglês pedindo-lhe que ela explicasse o conto “Um homem bom é difícil de encontrar”, que os seus alunos tinham estudado sem chegar a uma interpretação aceitável. “Discutimos exaustivamente várias interpretações possíveis e nenhuma nos satisfaz inteiramente”, o professor explicou. Ele termina pedindo a ela: “ficaremos muito gratos se a senhora comentar a interpretação que expus acima e nos falar o que pretendia ao escrever ‘Um homem bom é difícil encontrar’”. E a autora respondeu – eu vou resumir aqui, mas achei muito interessante:

A interpretação dos seus 90 alunos e 3 professores é fantástica, mas está muito longe das minhas intenções. Se a interpretação fosse válida, o conto seria pouco mais que uma brincadeira e só teria interesse para a psicologia da anormalidade, e eu não

estou nada interessada na psicologia da anormalidade. O significado de uma história deve crescer na medida em que o leitor reflete sobre ele, mas não pode ser captado numa única interpretação. Se os professores costumam tratar uma história como se fosse um caso de investigação para o qual qualquer resposta é crível desde que seja aceitável, acho que os alunos nunca vão aprender a gostar de ficção.

E aqui eu faria um parêntese: o Bion também, em algum lugar de *Uma memória do futuro*, diz que a verdade frequentemente se insinua disfarçada de ficção. Então, se o analista não tiver essa abertura, ele corre o risco de não poder se aproximar da verdade. E, terminando a resposta da escritora, ela diz: “muita interpretação certamente é pior que pouca, e não há teoria que supra a falta de sensibilidade”. Essa frase, no meu entender, serve, digamos assim, de colher para o psicanalista, e ela termina de uma maneira muito engraçada: “não pretendo ser antipática, simplesmente estou em estado de choque”. Então, eu acho que se nós, analistas, ficarmos irritados, como disse o Keats, atrás de fatos ou de interpretações epistemológicas, a psicanálise ficaria em estado de choque.

DC: Qual é o critério para se falar em experiência estética em psicanálise, já que podemos considerar alguns elementos de dada experiência como estéticos?

Dr. Junqueira Filho: Quanto a isso, eu me reportaria a uma definição que tenho tido a ousadia de apresentar em alguns artigos – sempre fazendo a ressalva de que foi de uso pessoal – sobre o que seria a metapsicologia: “a metapsicologia seria o conjunto dos esforços econômicos empreendidos pelo psiquismo para representar a experiência emocional através de artimanhas estéticas geradoras de estranhamento e/ou perplexidade”. Então, se nós tivermos o rigor de mais ou menos respeitarmos uma postura como essa que acabo de dizer, eu acho que estaremos bem arranjados em relação àquilo que a gente podia reconhecer como sendo uma experiência estética.

DC: Quando um elemento estético surge na experiência, ele aguarda uma forma para ter existência. O que é necessário para expressá-lo com competência?

Dr. Junqueira Filho: Há uma resposta a isso que o Bion reproduz, que acredito ter sido dada a Freud por Charcot, que dizia: “é preciso observar, observar e observar até que surja um padrão e, quando surgir um padrão, nós já estamos a meio caminho da forma”. Então, se a gente permitir que haja uma evolução do “O”, como diz o Bion, da realidade última ou da verdade última, essa forma fatalmente irá surgir.

DC: Diante do dilema de ser possível alcançar uma experiência estética com qualquer vivência, qual é a medida do rigor que se coloca para nós, psicanalistas?

Dr. Junqueira Filho: Nessa questão de a gente poder alcançar a experiência estética em psicanálise, acho que a medida do rigor é dada pela sugestão do Bion de o analista tentar restringir ao máximo a memória e o desejo. Tudo aquilo que o analista conseguir criar e com que se deixar envolver através dessas duas restrições – aliás três: memória, desejo e conhecimento – com certeza é um dos parâmetros importantes para ele saber que está pisando no terreno sólido da transformação em “O”, que não pode ser cognoscível. Em “O” a gente só pode estar sendo algo ou sendo uma emoção, e não significa que o analista parou no meio do caminho nas transformações em “K” – estas, sim, cognoscíveis e dependentes basicamente do sensorial.

DC: Sendo os movimentos mentais *break-up*, *break-down*, *break-through*, *break-out* e *break-in*, referidos por Bion, as diferentes direções das quebras promovidas pela turbulência emocional, como você as correlaciona com o impacto estético?

Dr. Junqueira Filho: Esta expressão de Bion, a respeito da correlação da mudança catastrófica com diferentes modalidades de “quebra”, não deixa de associar o conflito estético com o par ruptura/harmonia, deixando claras as duas facetas atuantes, a construtiva e a desordenadora.

DC: Por ser a experiência estética intraduzível e não passível de aprisionamento em uma definição, a maneira de expressão que vai dar forma ao seu conteúdo necessita ser criada. Você considera que, de alguma maneira a formação analítica pode prover o analista dos meios para treinar sua intuição nesse sentido?

Dr. Junqueira Filho: A expressividade da experiência estética fala por si só, de modo que o artista, como disse Merleau-Ponty, empresta ao leigo seus olhos para enxergar aquilo que só ele vê. Como Bion disse reiteradas vezes, não sendo artista, ele recorrentemente apelava aos poetas que, como dizia Shelley, “eram os legisladores não reconhecidos da humanidade”. Quanto ao apuro da intuição, na minha experiência, o que mais me ajudou foi receber aos poucos os modelos expressivos que me permitissem embeber meus analisandos em metapsicologia.

DC: Conte-nos um pouco sobre sua experiência como organizador dos encontros bienais da SBPSP.^[4]

Dr. Junqueira Filho: A função básica dos encontros bienais, concebidos por mim, mas realizados com a ajuda de vários colegas, no fundo poderia ser resumida na captação de modelos expressivos que sempre emergem como fruto da interdisciplinaridade. Em termos práticos, tratava-se de colocar os psicanalistas em diálogo com a cultura e vice-versa, algo que, atualmente, já está se transformando numa “tradição necessária”.

4. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.